

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº155 - JULHO - PORTO VELHO, 2004  
VOLUME X

ISSN 1517-5421

EDITOR  
**NILSON SANTOS**

### CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História - UFRO  
**CLODOMIR S. DE MORAIS** - Sociologia - IATTERMUND  
**ARTUR MORETTI** - Física - UFRO  
**CELSO FERRAREZI** - Letras - UFRO  
**HEINZ DIETER HEIDEMANN** - Geografia - USP  
**JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY** - História - USP  
**MARIO COZZUOL** - Biologia - UFRO  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras - UFRO  
**ROMUALDO DIAS** - Educação - UNICAMP  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa*

**155**



FLÁVIO DUTKA

## VIOLÊNCIA INDÍGENA: REALIDADE OU IMAGINÁRIO

Emilio Sarde Neto



*O viver em sociedade foi sempre um viver violento. Não havendo uma solução para a violência da vida cotidiana, o remédio é integrá-la como um componente normal das relações entre os homens. (Odalía, 1983:12).*

As populações indígenas, tantas vezes esquecidas pela historiografia, emergem como elemento principal na ocupação da região amazônica. Por um longo período, foi a mão-de-obra básica que sustentou as principais atividades econômicas da área. E por isso mesmo disputada com uma violência sem tréguas.

Os determinantes básicos da ocupação amazônica desde o período colonial foram: a caça ao índio, a busca do ouro a questão da ocupação estratégica e a coleta das drogas do sertão. A exploração do látex em larga escala, já na segunda metade do século XIX, constitui-se em desdobramento desses fatores de ocupação, e mais uma vez em sentença de morte para as populações indígenas de toda a região. (FREITAS e SARDE, 2002:07).

Os conflitos interétnicos entre os próprios povos indígenas são o reflexo do desespero do instinto de conservação do ser humano para preservar suas tradições, sua identidade, sua vida. O não índio avança sem tréguas em uma conquista geográfica e cultural empurrando os indígenas uns contra os outros e arrebanhando populações inteiras para a causa do capital. A cultura do látex na Amazônia acompanhada da cristianização trazida pelo clero católico e por pastores protestantes foi apenas mais um dos vários exemplos da imposição da ideologia capitalista nos países subdesenvolvidos.

Em Rondônia muitos são os exemplos dessa trajetória de sofrimento e sobrevivência indígena. No dia 04 de setembro do ano 2000 na Aldeia Taigape do povo Arara temos o depoimento da Sra. Maria Aroim que narrou um conflito interétnico entre povos indígenas Arara e Gavião que disputavam terras que ainda não haviam sido tomadas pelos não índios.

Aqui eu to falando que aqui nossa terra, tudo é nossa terra, onde os Gavião morava pra lá no Madeirinha, essa aqui tudo por aqui é nossa terra os Gavião que vieram pra cá tomaram nossa terra mataram nosso pessoal, só sei isso que minha sogra falava ela que contava que era mais velha, ela contava pra mim a história que os Gavião morava pra lá, e vieram pra cá tomaram nossa terra, mataram nosso pessoal, nossos parentes, também diz que nossa maroca é pra lá logo garapé longe, marocaxém é nossa maroca pereparca nossa maroca também só isso que eu sei, meu sogro lá, diz que enterraram lá na fazenda até hoje o pessoal diz que fala que lá enterraram meu sogro, minha sogra contava.

No dia 15 de outubro do ano 2000, na aldeia Igarapé Lurdes do povo indígena Gavião, o Sr. Montegomeri Taram narra seu testemunho, a forma como tiveram que fugir e abandonar seus parentes e irmãos vitimados por surtos de doenças e fome acompanhado do receio de perder o considerado mais importante, sua identidade.

*Certa noite bem escura aconteceu, os pássaro cantando, onça todo os bichos, o pessoal que vinha atacar agente eles remedava todo esses bicho então agente pensava que era os bicho mesmo mas deixo que era o inimigo que vinha e agente sem saber, e quando passou de umas horas em diante meia noite por ai mais ou menos foi que ouvimos a zoada de flecha nas parede das casa(...) e agente pra se sair daquela perseguição tivemos que vim embora largando tudo pra trais largando as plantações de alimento as coisas que agente tinha e veio embora rasgando o mato por ai, no meio do mato ficando gente doente a pessoa quando adoecia cumo é que trazia não tinha jeito de traze as pessoa nas costa e deixava lá no meio do caminho se escapasse bem, se num escapasse ele ficava lá morria lá, e então agente vinha pra aí a procura de outros lugares pra poder se habitar (...) eu não tenho vontade de perder a minha tradição por que ele já é antigo que é do meu povo, e quero ainda continuar assim com as tradições do meu povo e que eles não possa esquecer a língua também (...) chegou padre chegou seringueiro e chegou mais gente que era dono de seringal pra fazer, disque o índio não era gente, então eles queria fazer assim do índio como gente mas deixa que nós era tudo gente, num tinha era entendimento assim como o branco tem.*

Desde o princípio da colonização na América, a imposição do imaginário europeu foi o grande estopim da violência e do constrangimento Físico e moral, a expressão da agressão. Agressão que atinge o homem tanto naquilo que possui, seu corpo, seus bens, quanto naquilo em que acredita e mais ama seus amigos, sua família, seu modo de ver e interpretar o mundo. *A pretensa naturalidade de um comportamento, de uma crença, não se origina de uma natureza imutável da sociedade humana. A natureza é apenas um disfarce, uma forma de camuflar o fato concreto de que a desigualdade nasce de uma estrutura social mutável e historicamente determinada.*(ODALIA, 1983:16).

A princípio tentou-se “arrebanhar” índios para trabalhos forçados na coleta de produtos florestais. O antropólogo Darcy Ribeiro<sup>1[1]</sup> em sua tradicional obra “Os Índios e a Civilização” descreve com maestria o avanço dos não índios sobre as terras indígenas. Ao longo dos cursos de água navegáveis, onde quer que possa chegar uma canoa a remo, as aldeias eram assaltadas, incendiadas e suas populações aliciadas. Os seringalistas estabelecidos nos barracões deram continuidade à caça da mão de obra indígena, visando aumentar o número de “colocações” ao seu serviço.

O avanço dos seringais provocaria a disputa nos territórios tribais, e os índios passariam a ser caçados à bala. Os exploradores de seringa vinham de todas as direções hileia à dentro, mas encontravam forte resistência das populações indígenas. O exemplo do povo Karipuna parece ser ilustrativo:

*Foi nesse período que a área correspondente ao rio Jaci-Paraná e Abunã, então pertencente aos Karipuna foi ocupada e explorada pelos seringueiros, inicialmente bolivianos da fronteira, ocasionando assim conflitos intermitentes, mas que foram capazes de deter por um longo tempo a entrada dos invasores.* (MEIRELES,1983:48.)

---

<sup>1[1]</sup> RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno. 1986.

No dia 15 de outubro do ano 2000, na Aldeia Icolen terra do povo Gavião o cacique Catarino Cebiró em seu desabafo manifesta sua gratidão ao governo federal e a FUNAI pela demarcação das terras indígenas do povo Gavião ao mesmo tempo em que lamenta viverem espremidos como animais em cativeiro, obrigados a novas formas de interpretar o mundo e viver em comunidade, conseqüências das modificações ocorridas pelo rompimento das fronteiras etno-culturais.

*Hoje nós tamo vivendo numa terra demarcada que governo demarcou terra pra nós, graças a Deus e graças ao governo federal que criou órgão federal que chama FUNAI, pra proteger a terra indígena pra defender os povos indígenas na terra indígena, pra poder os povo cuidar sua terra pra poder os povo ficar num local permanente para sempre e tudo isso nós agradecemos o governo federal que foi demarcado nossa terra a nossa terra era livre aquele tempo antepassado, nós tinha uma terra muito grande, nós morava em qualquer lugar num era terra demarcada e nós consideramos aquela terra grande que era nossa terra, hoje nós temo aquela terra demarcada por causa do governo e nós tamo vivendo numa terra espremida como chiqueiro do porco onde o porco mora engordar, e ter um chiqueiro do porco a mesma coisa os índio tá vivendo hoje na sua terra demarcada. (Catarino Cebiró)*

Os pioneiros de Rondônia em um grande êxodo vinham de todas as partes do Brasil trouxeram sua civilização para essas "terras de ninguém" esquecidas pelo governo federal e por Deus, junto traziam doenças, desgraça e destruição para as populações indígenas.

A julgar pelos casos conhecidos, os efeitos devastadores de epidemias de gripe, sarampo e outros agentes mórbidos levados por pessoas civilizadas teriam reduzido sua população a mais da metade do que era quando estavam isolados.(RIBEIRO, 1986:207-214). Houve transformações completas em seu modo de vida, as quais podem ser atribuídas a fatores ecológicos e bióticos, mais do que ao processo de aculturação. Os fatores bióticos (doenças) ocasionados pelos contatos interétnicos entre índios e não-índios foram os principais responsáveis pelo desaparecimento das populações indígenas.

*A primeira vez os branco veio vadia a nossa terra e nós ficamo muito triste quando o branco chegou e vadio a nossa terra e nós ficamo tão triste, eu acho que não foi só os índio gavião que ficou triste quando chegou a primeira demarcação em Rondônia depois disso nós vinhem conhecendo malária, tuberculose eu nunca ouvi dizer que índio morreu de tuberculose nunca vi dizer que o índio morreu de malária, catapora, sarampo nunca vi, mas eu já vi dizer que o índio morre de mordida de cobra acidente de derrubada isso eu já vi, mas tuberculose apareceu agora e no tempo do contato com o homem branco. (Catarino Cebiró)*

O governo brasileiro arrendava e vendia áreas territoriais sem saber sua localização precisa, não se cogitando se eram dentro de terras indígenas, pois eram dados desconhecidos, ou propositalmente ignorados.

Os relatos oficiais sobre a borracha não mencionam o problema do índio a não ser muito superficialmente. Não se pode saber, com base nas documentações existentes o modo como as empresas concessionárias da borracha lidaram com os problemas.

As sociedades que sobreviviam às depredações iniciais nas frentes pioneiras do Brasil restavam fortemente despovoadas e vivendo nas condições mais miseráveis. A discriminação e a exploração eram os grandes empecilhos para a integração dessas populações à vida nacional brasileira. Para Darcy Ribeiro, o destino das tribos isoladas estaria nas mãos da futura expansão econômica e na capacidade política do SPI em criar uma barreira protecionista entre os índios e as frentes pioneiras da sociedade nacional, assegurando assim o direito de viver segundo seus costumes.

No dia 27 de abril de 2002, na sede da casa do índio FUNAI em Porto Velho, Batiti Paipegá Karipuna o atual cacique da sua comunidade tem a partir de sua memória narrativas de como ele conhece e avalia a própria história do povo Karipuna.

*Depois que fizeram a estrada de ferro aí foi quando os próprios brancos que trabalhava na linha de ferro matava os próprios Karipunas, então através disso eles começaram a se afastar uns saiu pro lado por causa que num agüentava mais aquilo, ficamos só nós naquela banda de Mutum-Paraná, ficamos pra lá, os Tenharim foram prum lado, os Parintintim pro outro, os Amundaua foram pro outro, mais nós somos todos Karipunas. Como acharam os Tenharim, os Parintintim, Urueu-Wau-Wau, Amundaua, num outro lugar usaro esses nomes mais num é, todos são Karipunas. E antigamente antes de existir branco aqui, porque agente morava primeiro aqui! Nós morava lá no alto da Jaci-Paraná há muitos anos, num sei nem que anos era nesse tempo entraram um branco lá como se tivesse fazendo amizade com agente, dava terçado, machado, era roupas pras mulheres tudinho, inclusive dormia na aldeia comia queixada assada junto com agente depois foram pra cá pra cidade comprar as coisas, voltaram pra lá já com outra coisa já foi matando um bocado deixaram na faixa, porque eu não sei quanto que deixou quantas pessoas só, matou quase acabou a aldeia todinha. Depois disso nós ficemo revoltado saimo daquele lugar e fomos pra outro lugar ver se melhorava porque acontecia muita morte, agente brigava muito também com os pessoal de Guajará os índio de lá, eles matava agente, agente matava eles, sabe como é que é índio brabo num se uni com outros índios.*

Após o fim do período pós-guerra a política indigenista sofreu varias mudanças, tornando-se cada vez mais ligada à política regional e nacional. Um novo grupo de oficiais do exército e funcionários públicos assumiu posições de poder no SPI. A corrupção burocrática impregnou a administração do SPI. Não eram as considerações humanitárias que formavam a base da política indigenista no Brasil, mas os interesses econômicos do capitalismo predatório.

Para o escritor e pesquisador Selton Davis<sup>2[2]</sup> a corrupção e o sadismo eram abundantes, indo desde o massacre de tribos inteiras por dinamite, metralhadoras e açúcar misturado com arsênico, a seqüestros de escravos para o trabalho doméstico e sexual. Lixos hospitalares encontrado dentro das reservas indígenas confirmavam que agentes do SPI e latifundiários haviam usado armas biológicas como a varíola, gripe, tuberculose e sarampo para exterminar grupos indígenas dentro de áreas que pudessem ser exploradas.

*Os indígenas acusam os próprios funcionários do SPI de envenenarem seus alimentos na tentativa de obrigá-los a sair de suas terras ricas em recursos minerais. A descoberta de qualquer coisa que possa ser explorada é sinônimos do dia do juízo final para os índios que são pressionados a abandonar suas terras ou chacinados dentro delas. E as descobertas econômicas não precisam ser excepcionais para que os índios sejam saqueados.*

*Depois nós tava lá no canto, aí entrou mais outro branco matou mais um bocado de índio nossos parente Karipuna, nós num sabia por onde ir mais ficuemos nessa, foi quando o tempo que o Bernamu apareceu, nós era facha de trinta e cinco índio assim consta no documento, tudo bem chegamo ai na beira do Jaci-Paraná, esse Bernamu parece que num tinha experiência de cuidar os próprios índios, levaro logo quem!? O pessoal do Jaci. Deixaram lá, e ele vei aqui para cidade buscar mais mantimentos para os índios, quando ele voltou já tinha morrido metade, porcauso que assim meu pai conta, todo mundo conta minha tia fala e isso me deixa meio revoltoso ninguém num acredita diz que eu to falando coisa por coisa mais não é, meu pai mesmo fala que dava veneno o próprio funcionário que ficava lá trabalhando*

---

<sup>2[2]</sup> DAVIS, Shelton. **Vítimas do Milagre. O Desenvolvimento e os Índios do Brasil.** Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

*com agente que o Bernamu levou, dava veneno no feijão porque hoje o papai fala: "pocha esse feijão é tão gostoso, como eu num cinto amargo no feijão; mas terminava de comer já ia pro banheiro evacuava só sangue, sangue, sangue e morria e vomitava na hora, e morria...".*

*E assim foi acabando, acabando e morria no mato e ninguém queria ficar ali naquele lugar, e foram embora pro mato pra vê se parava com essa morte, mais não tinha jeito morria cinco, seis e o urubu comia porque ninguém num achava também porque ficaram revoltados por isso que eles foram embora para o mato. Também eles fazia agente a comer aforçada, colocava arma na cabeça dos pessoal lá e eu era pequeno num tinha conhecimento, mas minha tia fala até hoje e meu pai, fala assim: "pocha, hoje eu queria que alguém chegasse e encostasse a arma na minha cabeça e fizesse eu comer feijão aforçado, eu queria ver se eu comia, naquele tempo eu era 'brabo' e tinha medo de arma e eu comia na marra feijão amargo carne feita mas é tudo amargo terminava de comer já dava uma dor de barriga, saia correndo pro mato num dormia a noite, passava a noite todinha no banheiro, toda a noite no banheiro era gemido de gente pra todo lado e foram morrendo. (Batiti Paiapegá)*

No início dos anos 1960, o então território Federal de Rondônia passou a sofrer um novo surto econômico de ocupação - o **boom** da cassiterita, que se constituiu em mais um determinante que impulsionou a ocupação da área.

Através de decretos tornava-se ilegal a prospecção individual das minas em Rondônia. Grandes companhias de mineração substituíram o garimpo artesanal pelo garimpo mecanizado, mesmo assim garimpeiros continuavam a explorar clandestinamente o minério, redundando na penetração de alguns territórios indígenas.

A invasão das terras indígenas e a grilagem foram duas facetas da grande problemática que resultou da intensificação do processo de colonização dessa região a partir de 1970. A procura da cassiterita pode ser considerada um precedente, no sentido que abriu estradas e chamou a atenção das multinacionais para a riqueza de Rondônia. O **boom** da mineração na Amazônia serve como base para entender a política indigenista no Brasil.

É desse período o início de um grande projeto de ocupação da região amazônica, com a construção de grandes rodovias que cortaram a floresta. Quando o programa da Transamazônica foi iniciado, em 1970, o papel da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, órgão criado para substituir o SPI, era sobre tudo o de pacificar indígenas. Com as rodovias prontas, ou quase, a FUNAI foi requisitada, em geral contra os desejos de vários indigenistas dedicados, para abrir caminhos às companhias multinacionais e estatais interessadas em ganhar acesso aos recursos naturais da bacia amazônica.(DAVIS,1978:84)

A abertura dos projetos de colonização agrícola com a construção de estradas federais constitui-se em um último e definitivo processo de ocupação dessa região, que se caracteriza por ser determinante, no sentido de que redundou em mudanças irreversíveis das forças produtivas. Em Rondônia, a pavimentação da BR-364 colocou um fim ao relativo isolamento rodoviário do Estado em relação às demais regiões do país facilitando o movimento migratório.

A colonização dirigida aparecia como um esforço consciente, por parte do governo para que os espaços chamados vazios da Amazônia, fossem ocupados e suas terras valorizadas, ao mesmo tempo em que se buscava uma alternativa para os problemas de pressão demográfica de certas áreas do país.

O Instituto de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, órgão federal criado especificamente para desenvolver uma política de ocupação de terras, loteava áreas pertencentes aos índios no que redundavam em mais conflitos e mortes. O primeiro projeto do INCRA o "Ouro Preto" foi fundado em 1970, numa área de

450.000 hectares, nas margens da BR-364. Em 1972 foram fundados mais dois: os projetos "Ji-Paraná", também nas margens da BR-364, ocupando uma área de 400.000 hectares, e o projeto "Sidney Girão", nas margens da BR-319 (Porto Velho, Guajará -Mirim) ocupando uma área de 200.000 hectares.

A colonização por iniciativa privada havia crescido em detrimento da colonização oficial. Ainda em 1969, o empresariado começou a pressionar o governo no sentido de solucionar os problemas das terras indígenas, que pela visão do lucro, desmesuradas, prejudicavam o desenvolvimento da colonização. O Ministro do Interior na época, Costa Cavalcanti, respondeu depois de protestar contra a imprensa estrangeira que divulgava que os índios estavam sendo exterminados, que "o índio tem que ficar com o mínimo necessário".

A total falta de informação sobre a situação dos povos indígenas e suas terras, aliadas a uma mentalidade ideológica em que o indígena é integrante da categoria de "animais selvagens" levaria a eclosão da violência entre colonos e índios.

Para Denise Maldí Meireles a real disputa pelas terras indígenas foi impulsionada pela transformação da região em área de economia agrícola, mas não foi mais prejudicial do que os danos causados pela economia extrativista, porque se processou no momento em que as populações indígenas já não estavam divorciadas do processo de comunicação do país que tirou a Amazônia do seu isolamento. Desse modo, os atos perpetrados sobre as populações indígenas, uma vez do conhecimento do grande público, chegavam através da imprensa, ou através das denúncias dos agentes ligados à sua defesa. A "tragédia" era denunciada, e em parte, já não permanecia impune.

A lei 6001- do Estatuto do Índio serviu de parâmetro para se pensar uma política de recuperação das suas terras e para as suas demarcações definitivas, ao mesmo tempo em que projetava a assistência médica, social e jurídica, demonstrando a necessidade de ação em uma conjuntura que sempre se caracterizou pela violência e inescrupulosidade para com os indígenas.

Em Rondônia a maior fase de violência e depopulação indígena ocorreu durante o ciclo da borracha. Alguns grupos nem sequer mantiveram contatos permanentes com os não-índios. Os contatos intermitentes foram suficientes para ocasionar os processos de contaminação de doenças, que não permitiu a esses grupos se recuperarem. Várias comunidades indígenas ficaram reduzidas a pequeno número de indivíduos. A entrada de madeireiros e a invasão de posseiros nas terras indígenas mesmo após as demarcações feitas pela FUNAI e aceitas pelo governo federal mostra o descaso e desrespeito pelas leis e pelos povos indígenas.

*Os madeireiros tão derrubando as madeira, os madeireiro tão queimando as floresta, fazendeiro tão derrubando e queimando a floresta isso eu foi falar e sobre a bacia Amazônia é nos país, nos Estados Unidos Nova York e Washington, Noruega e Alemanha e fora disso eu viajei mais também, Holanda que eu fui levar castanha ouriço de castanha pra Finlândia, pra quebra ouriço de castanha com facão na frente do três Juizes e eles acreditaram que aquela castanha era comida de índio. Eu tive trabalho com os fazendeiro eu briguei muito com fazendeiro também que fazendeiro abriu uma estrada dentro da minha terra tirei primeiro a estrada, eu mandei ele passar fora da reserva a terra indígena mas eles entraram dentro da terra indígena de novo e lá o INCRA assentou trinta e oito demarcação fora disso tinha mais gente, entre tudo tinha setecentas famílias e eu tentei tirar junto com os índios e a FUNAI e a polícia federal e a policia militar que nós conseguimos essa vitória da terra indígena*

No dia 02 de setembro de 2000 na aldeia Iterap do povo Arara, o seu Benedito Nhombu, narra as dificuldades de viver isolado em uma reserva que limita sua antiga tradição de andanças, características do nomadismo das populações indígenas do Brasil.

*Meu pai morreu e o outro morreu também, aqui primeiro num tem nem remédio e nós num conhece nem banana nem cumo fumo. Meu pai antigamente diz que nem ninguém nu parava, andar tanto em tudo canto, agora não hoje em dia ninguém anda, tá aqui tudo parado, tem um bocado de maroca par ai tudo jogada lá pra cima, eu guardo e num tem num tem nada, anda nu, tinha uma (raia) que o cumpadre é tudo é tudo é nu que anda aquilo que aparecia primeiro aedonte aquime dilaumbá, aporoé, tinha nós no antigamente meu pai tinha pacó tinha o arco, num tem ipingarda num tem nada, nois anda tudo jogado por aqui na beira do rio pescando (matamize) peixe, ai nepui tipotiantigamente que fica chamando branco pá morte.*

No dia 04 de setembro de 2000 na Aldeia Taigape povo Arara, em uma conversa com o senhor Pedro Agamenon, atual cacique do povo Arara tomamos mais um exemplo das várias formas de exploração e violência sofridas pelos povos indígenas.

*hoje agente tá preocupado, hoje agente tá ai no meio do branco, naquele tempo num se falava em doença ninguém pensava de acontecer o que aconteceu hoje com a gente tá ai sem terra, onde não tinha preocupação, o índio tinha por onde ele pudesse ir pro mato caçar, ninguém perturbava ele hoje você sabe que a ambição tá grande todo mundo pro índio quer terra, você sabe que hoje que tem maior valor é o fazendeiro, ele tem muito valor porque ele tem dinheiro e nós num tem e você sabe que o pobre hoje não tem valor, só o rico, tinha muito nessas terra aqui Arara era muito índio era o único povo que tinha muito aqui, Arara não saio da terra dele pra vim pra cá, o Arara já vivia aqui isso que é a terra o lugar do Arara é aqui, ele não veio de outra aldeia, fazendeiro agora ele tá empurrando Arara, o povo Arara quando o branco entrou aqui dentro o povo já vivia aqui então isso aqui é a terra do Arara, depois que, a aldeia por todo o canto ali em Nova Purina tem aldeia, ali em Jí-Paraná onde tá assentado tudo aquelas igrejas, aquelas cidades do lado de cá do rio Machado, tudo ali era aldeia, e foi acabando foi matando, o branco foi invadindo então acho que é por ai que aconteceu a situação do índio hoje tá precária, por isso preocupa agente por causa da doença, e hoje ninguém tem espaço porque o índio podia té aqui hoje, porque hoje tá todo mundo só num lugar mas naquele tempo, não era assim não, era diferente a vida do índio, é diferente do que a gente vê hoje, todo mundo sem sua aldeia, sem seu chefe pra comandar sua aldeia, vivia muito melhor do que hoje, que a gente tá vendo a situação do índio não tá fácil hoje não, naquele tempo para o índio era fácil, tudo era fácil porque hoje a gente tá lutando querendo procurar os direitos do gente, é por causa disso, ninguém tá vendo, porque se a gente num fizer isso eu acho que ninguém vai conseguir, todo mundo que chega tá de olho nas coisas da gente, então o índio era muito diferente do tempo que vive hoje, pouquinho e tem muito branco que tá de olho nas coisas, e pouquinho que a gente tem, ainda quer diminuir mais, então eu acho que é uma coisa muito triste pra nós, como nós somo dono da terra, nós no tem esse direito também, acho que nós precisa ter como nós conseguir, Depois nós tava lá no canto, aí entrou mais branco pra acaba com o resto.*

As populações indígenas viviam mais um período sombrio, suas terras estavam sendo novamente invadidas. Os maiores invasores eram os colonos, o fluxo migratório em Rondônia havia atingido proporções incontroláveis, superando as expectativas oficiais. A estrutura burocrática do INCRA revelou-se inoperante. Os colonos, com a conivência ou omissão dos funcionários do INCRA começaram por expandir, por conta própria os limites dos projetos oficiais, atravessando as terras indígenas.



Batiti Paiapegá cacique do povo Karipuna da suas ultimas impressões tentando prever o futuro das populações indígenas e do seu povo. Onde ressalta o descaso do governo e da FUNAI, a falta de uma política de desenvolvimento econômico-social, carência de estruturas físicas que incentivem o retorno para as aldeias dos índios que residem na cidade à procura de aperfeiçoamento técnico e em busca de cônjuges para o matrimônio.

*Eu acho coisa do futuro que pode acontecer agora também por causa que os pessoal nós hoje nós somos pouco lá nos Karipuna por causa da FUNAI mesmo que num ajuda por isso que a maioria dos pessoal se afastar de lá, eu como cacique eu reconheço muita gente fala: "há você deve juntar os parente levar devolta pra lá...". Mas não tem como porque a FUNAI num ajuda por causa que agente vê a situação da nossa casa lá no Jací tá em tempo de cair nós já mandemos documento fizemos isso mais aquilo até hoje ninguém fizeram nada, por causa disso meu irmão hoje mora no Arara, é o José Kaipu e outro a minha prima mora lá no Rio Candeias casado com branco por causa disso, tem outra minha prima que mora aqui em Porto-Velho é casada com branco também e tem um lá na aldeia do Karitiana que é o José Carlos Karipuna, porque debandaram tudo por causa que FUNAI num quer ajudar, tá certo eles ajuda numa parte terçado, machado eles dão mas não é isso num tem uma toyota, num tem energia lá, tem energia mais num tem fio tem que ter tudo isso, fio lâmpada pra poder os Karipuna funcionar, mas agora desse jeito assim, o pessoal fica desanimado: "pocha num tenho nada na vida, num tenho um barco que preste!". Agora que nós fizemos outro barco novo pra poder transportar, e não adianta agente fazer trinta saca de farinha pra poder chegar alí no Jací e ficar jogado, porque toyota num tem aqui na FUNAI, tá tudo acabado, então isso vem sofrendo os pessoal nosso Karipuna, sofrendo através disso, por isso que foram embora metade.*

A falta de uma estrutura que possibilite a manutenção e preservação dos valores culturais como língua e tradição comunitária incentivou e ainda incentiva a desagregação das famílias indígenas.

*Eu fico muito triste por causa que as maiorias quer inclusive eu, eu não vou longe porque o que eu tenho pra falar é só da minha prima, a minha prima tem dois filho e ela num quer que tenha costume como antigamente, num quer que fala na língua, que isso é feio e não sei o que, pocha eu sou contra isso, ela num quer que usa pintura num quer que nós toma a chicha, num faz nada tudo que eras de antigamente, essas duas minha prima tem esse racismo e eu falo:*

*\_ Num adianta vocês ficar assim que você é índio, você nasceu no mato...*

*Elas:*

*\_ Não, hoje em dia eu era índio quando tava no mato, hoje não eu tô no meio da civilização, eu lá quero saber de índio...*

*\_ Pôcha isso me deixa muito machucado, porque agente num pode largar a nossa cultura, se nós somos índio nós tem que ter orgulho de ser índio...*

*\_ A você tá sendo é um besta, tá sendo incentivado, isso num vai te levar futuro...*

*\_ Não, tudo bem! Se não leva futuro meus filho vão levar futuro, porque eu vou ensinar eles falar na língua, e eles vão crescer porque depois mais tarde vocês vão precisar da gente...*

*E tem outra prima que mora lá no Jamarí, é outra que tem dois filho também, e ela num quer que leva os filho dela pra aprender na língua, aprender os costume da nossa tribo como era antigamente e agente cada vez mais tão perdendo a nossa cultura, como fazer chicha festa, colar, pulseira, isso num existe mais pra nós, nós num tamo fazendo mais, isso me deixa sentido, porque eu num sei fazer, meu pai num me ensina, a única coisa que eu sei fazer é só arco e flecha, agora pulseira, rede como*

*agente fazia antigamente, saia indígena, agente num sabe fazer mais, eu num sei fazer a minha tia sabe fazer e num quer fazer porque é muito trabalho, ei digo que é melhor fazer porque tem que amostrar o nosso valor, porque num pode perder o costume.*

Hoje as populações indígenas de Rondônia passam por processo de recuperação demográfica. O contato interétnico dos índios com os não- índios durante toda a fase de colonização possibilitou a adaptação biológica e cultural à nação brasileira fornecendo novas formas de vivência sócio-cultural .

A tecnologia, as instituições laicas da ocidentalidade moderna exercem sobre as populações indígenas um fascínio carregado de paradigmas que nos remetem a pensar o processo de contato interétnico e adaptação dos povos indígenas em uma nova fase histórica que se encontra em construção.

Apesar de todo o aparato jurídico a favor das populações indígenas, ainda são normais os conflitos e invasões de terras indígenas cometidos por fazendeiros e garimpeiros que atraídos pelas riquezas contidas nas reservas ainda levam às ultimas conseqüências tais investidas. Por incrível que pareça os noticiários ainda revelam um lado trágico na construção da história dos povos indígenas do Brasil.

## **BIBLIOGRAFIA**

- CIMI – Conselho Indigenista Missionário. **Panewa** Especial.nº 02. Porto Velho, março de 1998.
- DAVIS, Shelton. **Vítimas do Milagre. O Desenvolvimento e os Índios do Brasil**. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. São Paulo, Melhoramentos, 1987
- FREITAS, Ednaldo Bezerra. SARDE, Emílio Neto. **Éramos Quantos? Os Karipuna de Rondônia O Dilema da Depopulação Indígena**. Relatório Anual PIBIC/CNPq/UNIR. 2002.
- FREITAS, Edinaldo Bezerra de. **Fala de Índio, História do Brasil. A História Oral das Etnias Indígenas**. Trabalho apresentado no XIX Simpósio Nacional de História .
- GAGLIARDI, José Mauro . **O Indígena e a República**. São Paulo, HUCITEC, 1989.
- HUGO, Vitor. **Desbravadores**. 1º,2º,3º vol. Rio de Janeiro.Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1991
- MACIEL, Laura Antunes.**A Nação Por Um Fio. Caminhos , práticas e imagens da Comissão Rondon**. São Paulo, EDUC, 1998.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá. História oral de vida**. São Paulo, Loyola, 1991.
- MEIRELES, Denise Maldí. **Populações Indígenas e a Ocupação Histórica de Rondônia**. Monografia de Curso de Especialização em História e Historiografia. Cuiabá, UFMT, 1983.
- NIMUENDAJU, Curt. **Textos Indigenistas**. São Paulo, Loyola, 1982.
- PINTO, Emanuel Pontes. **Rondônia, Evolução Política**. Rio de janeiro, Expressão e Cultura, 1993.
- RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno**. Estudos da Antropologia da Civilização.- Petrópolis, ed. Vozes , 1986.
- SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia**. São Paulo, Biblioteca Básica de Ciências Sociais; sér.1. :Estudos Brasileiros; v.3, 1980.
- SANTOS, Ricardo V. e CARLOS E. A. COIMBRA JR. **Saúde e Povos Indígenas**. Ed.Fiocruz, 1994.
- SILVA, Aracy Lopes da e GRUPIONI, Luis Donisete (org.) **Temática Indígena na Escola**. Brasília, MEC-MARI-UNESCO, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América – a questão do outro**. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1993.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Mesmo que o paraíso  
abra sua garganta de fogo,  
eu falarei.  
Mesmo que não haja tempo  
para contar qualquer número  
ou correr em busca de abrigo  
ou de arma próxima,  
eu desafio a palavra  
a não sair da boca,  
sílabas sibila,  
deus verbo,  
e roçar a cara do medo.*

**CARLOS MOREIRA**